

“O ARAGUAIA QUE CORRE NA MINHA ALDEIA”: A RELAÇÃO IDENTITÁRIA DOS MORADORES DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA/PA COM O RIO

Ester Brito Parente¹

Anelino Francisco da Silva²

RESUMO

Ao longo dos anos, o rio Araguaia representou múltiplas funções e simbolismos para aqueles que viveram/vivem em Conceição do Araguaia/PA. Grupos indígenas, sertanejos, extrativistas, missionários, exploradores, entre outros sujeitos, fizeram parte das transformações socioculturais existentes na cidade e no rio Araguaia. Ao longo dos anos, os diversos acontecimentos locais possibilitaram a construção de múltiplas relações identitárias das pessoas com esse elemento natural, nos levando a pensar o Araguaia como um espaço simbólico. Diante disso, o trabalho tem por objetivo compreender a relação identitária dos moradores da cidade com o rio, e com isso, se há possibilidade de percebê-lo enquanto um geossímbolo. Para isso, estabelece como procedimento metodológico a pesquisa exploratória e o levantamento bibliográfico e documental pertinente à temática. Esse estudo parte da ideia de que determinados lugares são percebidos como simbólicos, por essa razão, reforçam a identidade territorial do grupo, tais lugares são denominados por Bonnemaïson (2002) como “geossímbolo”. Dessa forma, buscamos evidenciar a importância do rio na vida dos moradores da cidade a partir de múltiplas perspectivas e em diferentes contextos. Em suma, são sujeitos diversos e conseqüentemente, muitas são as relações identitárias construídas com tal elemento natural. Portanto, essas identidades algumas vezes são herdadas, mas certamente encontram-se em constante transformações diante dos processos sociais e espaciais postos a cada geração. Assim, ainda que sejam construídas diferentes identidades (e conseqüentemente, diferentes territorialidades), e ainda que o Araguaia seja percebido de formas distintas, cada qual desses sujeitos que vivenciaram Conceição do Araguaia, podem perceber o rio como um geossímbolo.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Araguaia. Amazônia. Pará. Geossímbolo.

“THE ARAGUAIA THAT RUNS IN MY VILLAGE”: THE IDENTITY RELATIONSHIP BETWEEN THE RESIDENTS OF CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA AND THE RIVER

ABSTRACT

Over the years, the Araguaia River has represented multiple functions and symbolism for those who lived / live in Conceição do Araguaia / PA. Indigenous groups, backwoodsmen, extractivists, missionaries, explorers, among other subjects, were part of the social-cultural transformations in the town and on the Araguaia River. Over the years, the various local events have enabled the construction of multiple identity relationships between people and this natural element, leading us to think of the Araguaia as a symbolic space. In view of this, the work aims to understand the identity relationship of the city dwellers with the river, and thus, if there is a

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora de Geografia no Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio na Rede Inspira. E-mail: cbptete@gmail.com.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: aikosnelus@ufrnet.br.

possibility of perceiving it as a geosymbol. For this, it is established as methodological procedure the exploratory research and bibliographic and documentary survey relevant to the theme. This study starts from the idea that certain places are perceived as symbolic, for this reason, they reinforce the territorial identity of the group, such places are called by Bonnemaïson (2002) as "geosymbol". Thus, we seek to highlight the importance of the river in the lives of city dwellers from multiple perspectives and in different contexts. In short, there are diverse subjects and, consequently, many are the identity relationships built with this natural element. Therefore, these identities are sometimes inherited, but are certainly in constant transformation in the face of social and spatial processes in each generation. Thus, even if different identities (and therefore different territorialities) are constructed, and even if the Araguaia is perceived in different ways, each of these subjects who experienced Conceição do Araguaia can perceive the river as a geosymbol.

KEYWORDS: Araguaia River. Amazon. Pará. Geosymbol.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o rio Araguaia representou múltiplas funções e simbolismos para aqueles que viviam à sua margem. Seja para o transporte de pessoas nas várias explorações, viagens e missões, seja para o escoamento da produção no contexto do extrativismo do caucho³, da madeira, da castanha e do garimpo, ou ainda, para a simples prática de lazer, principalmente em suas praias e ilhas que surgem com as mudanças na vazão do rio.

Indígenas, sertanejos, missionários, caucheiros⁴, e vários outros sujeitos perceberam o Araguaia de diferentes formas, coexistindo em meio a relações conflituosas ao mesmo tempo em que participam da formação de inúmeras vilas e cidades nessa região. Esse é o caso de Conceição do Araguaia/PA, um dos municípios da região de integração Araguaia, localizado no sul do Pará e às margens do rio Araguaia.

Percebe-se que a nomenclatura "Araguaia", originalmente designada ao rio, é bastante presente nessa região do Pará⁵, o que nos leva a pensar, de forma preliminar, que provavelmente o rio seja um elemento simbólico para aqueles que vivem no local. Consideramos, portanto, que existem e existiram outras relações e uso do rio que reforça essa percepção. Sendo assim, é possível levantar a seguinte questão: Como a ambientação sociocultural dos moradores de Conceição do Araguaia os possibilitam compreender o rio Araguaia enquanto um geossímbolo?

³ Assim como a Seringa, a Caucho também é um tipo de árvore favorável para extração do látex.

⁴ Pessoas que trabalham com a extração da borracha por meio do caucho.

⁵ Existem vários outros municípios no sul do Pará em que "Araguaia" se faz presente em suas denominações, como: Floresta do Araguaia, São Geraldo do Araguaia, Santana do Araguaia, entre outros.

Seja como atividade econômica ou forma de lazer, o Araguaia se faz presente no cotidiano da população que vive, viveu e vivenciou Conceição do Araguaia, revelando muito das histórias e das geografias do lugar. São atributos que possibilitam a construção de uma relação identitária das pessoas que vivem no município com esse elemento natural, o rio, nos levando a pensar o Araguaia como um geossímbolo para a população local. Desse modo, o objetivo do trabalho é compreender a relação identitária dos moradores de Conceição do Araguaia/PA com o rio, e com isso, se há possibilidade de percebê-lo como um geossímbolo.

Para alcançar tal objetivo, o trabalho segue estruturado da seguinte forma: a primeira sessão realiza uma breve apresentação sobre Conceição do Araguaia/PA, assim como, mostra os procedimentos utilizados na formulação deste trabalho; a segunda sessão apresenta uma revisão teórica baseada nos conceitos centrais desse estudo – território, identidade, geossímbolo e lugar; na terceira sessão há um panorama espacial e temporal de Conceição do Araguaia, evidenciando a importância do rio na vida dos moradores da cidade em diferentes contextos; e na última sessão constam alguns elementos que favorecem a interpretação de que os moradores da cidade percebem o Araguaia como um geossímbolo.

2. O LOCUS EMPÍRICO E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Conceição do Araguaia é um município sul paraense localizado às margens do rio Araguaia (Figura 01). O município faz parte da Região de Integração Araguaia, em uma zona de transição do Cerrado e a Floresta Amazônica. Trata-se de um local que revela muito da relação conflituosa que derivam do processo de ocupação e formação territorial da Amazônia.

O Araguaia é o rio localizado às margens da cidade. Ele faz parte da região hidrográfica Tocantins-Araguaia, com nascente localizada entre os estados Goiás e Mato Grosso, no alto da serra do Caiapó; o rio “[...] percorre mais de 2.100 km até a confluência com o rio Tocantins.” (AQUINO; STEVAUS; LATRUBESSE, 2005, p. 30) na região conhecida como “bico do papagaio”, entre os estados Pará, Tocantins e Maranhão.

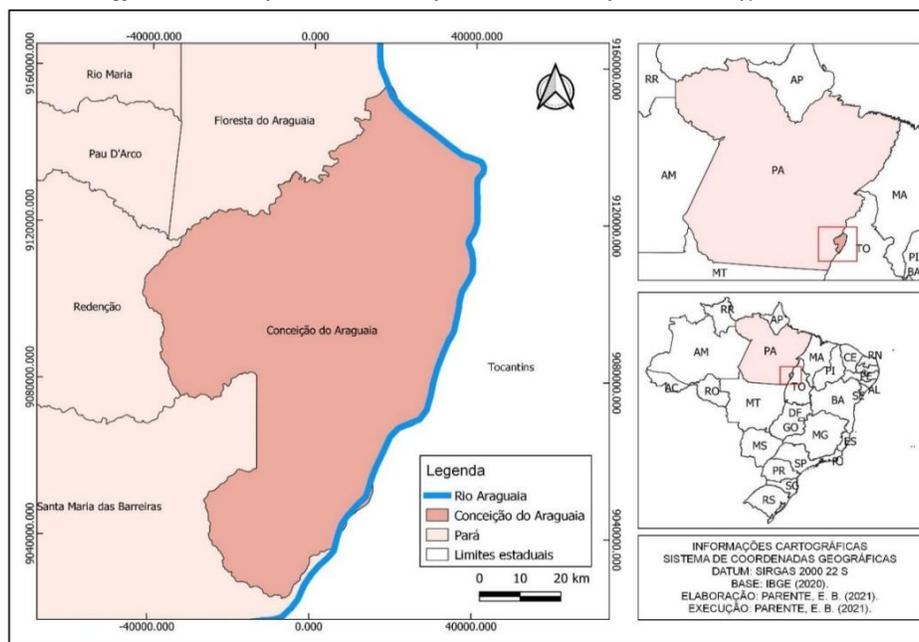
Em razão da sua localização geográfica, duas estações bem definidas – uma seca e outra chuvosa – influenciam a dinâmica do rio. Assim, normalmente o período de chuvas compreende os meses de outubro a abril e o principal período seco acontece nos meses de julho e agosto (AQUINO; STEVAUS; LATRUBESSE, 2005). Desse modo, é comum que por volta do mês de maio, surjam

inúmeras praias ao longo de sua extensão, e algumas delas estão justamente às margens de Conceição do Araguaia/PA.

Desde a década de 1980, a prefeitura municipal e os comerciantes locais se apropriam dessas praias para a realização de um evento sociocultural durante o mês de julho, o veraneio. Por meio dessa promoção turística, o evento proporciona uma série de empregos formais e informais aos moradores da cidade, além de lazer e diversão aos munícipes (PARENTE; GOMES; SILVA, 2023).

Sendo um evento dependente de recursos públicos, a forma como o veraneio é realizado está diretamente atrelada ao planejamento de cada gestão; com isso, entre os anos de 2017 a 2019, os gestores que estiveram à frente da prefeitura municipal tinham o veraneio como algo central. Como resultado, aplicaram maiores investimentos que ampliaram a festividade, sendo o maior diferencial, em comparação a períodos anteriores, a promoção de shows noturnos e gratuitos⁶ (com cantores conhecidos a nível nacional) na praia (PARENTE; GOMES; SILVA, 2023).

Figura 01: Mapa de localização de Conceição do Araguaia/PA



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020)

⁶ Em alguns anos anteriores a 2017, houveram shows na praia com músicos locais e regionais. O que mudou a partir de 2017 são os shows noturnos na praia, com cantores conhecidos a nível nacional e abertos ao público. Assim, alguns dos nomes que já realizaram show na praia da Gaivotas são: Bruno e Marrone, Eduardo Costa, Joelma, Paula Fernandes, Maiara e Maraísa, Zé Felipe, Leonardo e Wesley Safadão.

Segundo o panorama geral das cidades brasileiras do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município possui pouco mais de 45 mil habitantes. Entre aqueles que ocupam algum emprego formal (apenas 8,2% da população local), há uma renda média mensal de dois salários mínimos. Do total de moradores, 45,6% possuem um rendimento mensal de até meio salário mínimo. Além disso, 91,8% da receita do município é proveniente de fontes externas. Essas informações revelam uma alta taxa de desemprego, ocupações informais e uma economia diretamente dependente dos postos de trabalhos gerados pela prefeitura.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa exploratória se faz útil na construção deste estudo, pois como Gil (2008) explica, ela se trata da primeira etapa de um trabalho mais amplo. Assim, se faz necessário uma primeira aproximação quanto às múltiplas funcionalidades e simbolismos a respeito do rio Araguaia na vida daqueles que viveram e vivem no município.

O levantamento bibliográfico e documental é um importante passo para este estudo, pois garante meios para compreender a relação afetiva dos moradores de Conceição do Araguaia com o rio. Para tal, foram selecionados dados que permitem uma cronologia histórica e geográfica para entender a presença do Araguaia na vida desses sujeitos. Tais condições serão melhor compreendidas diante de diferentes contextos do processo de formação de Conceição do Araguaia.

Por fim, o conceito geográfico norteador do trabalho é lugar, mas de maneira complementar, o território também se faz presente quando associado à categoria de análise identidade. A reflexão sobre o conceito geográfico de lugar foi crucial para entender os níveis de afetividade dos habitantes locais com o Araguaia e como isso pode influenciar na visão dessas pessoas, levando-os a perceber um elemento natural, o rio, enquanto um geossímbolo.

3. RELAÇÃO IDENTITÁRIA, LUGAR E GEOSSÍMBOLO

Alguns aspectos levam a pensar o rio Araguaia como geossímbolo. Alguns antecedem a formação de Conceição do Araguaia, outros estão diretamente atrelados à produção espacial do lugar e outros, ainda, surgem diante de novas tendências que reconfiguram a dinâmica da cidade. Para Bonnemaïson (2002, p. 109), um geossímbolo trata-se de “[...] um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Diante disso, as abordagens culturais na geografia são relevantes neste trabalho, pois possibilitam entender os espaços culturais, como aqueles vivenciados e constituídos de relações

simbólicas e dotados de significação (BONNEMAISON, 2002). Os estudos culturais na geografia são vistos como uma resposta àquilo que representa o ato de existir coletivamente, diante de um “[...] determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração” (BONNEMAISON, 2002, p. 86). Sendo assim, a geografia cultural garante subsídios para interpretar a natureza simbólica que os moradores de Conceição do Araguaia possuem com o rio.

Em virtude disso, a categoria de análise fundamental nesse estudo é a identidade. De acordo com Saquet e Briskievicz (2009, p. 14), a identidade se trata de um híbrido que envolve a cultura, a economia e a política de maneira relacional e histórica, isto é, são produtos “[...] da formação de cada território num contexto de relações sociais com o ambiente externo à vida em sociedade”. Identidade é um conceito vinculado a diferença e a diferenciação, ou seja, está sempre vinculado a separação entre “nós” e “eles”. Neste sentido Bauman (2005, p. 19) utiliza de um exemplo muito claro quanto a identidade e a diferença, em suas palavras:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN, 2005, p. 19)

Em outras palavras, isso significa dizer que as identidades não são estáticas e também não estão isoladas, portanto, encontram-se em constante interação e passíveis de transformação. Tal distinção mostra como as relações de poder são marcantes quando se trata dos estudos sobre identidade (SILVA, 2000), por essa razão, “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 8). Assim, as relações de poder existentes no interior deste conceito revelam bem mais processos que levam a exclusão do que uma unidade idêntica (HALL, 2000).

E precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos ou institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 91)

É preciso considerar, portanto, que neste estudo, identidade encontra-se relacionada ao conceito lugar, afinal, através da noção de “sentido de lugar” é possível compreender como este “[...] constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais.” (BOSSÉ, 2013, p. 225). Para além disso, Buttimer (2015, p. 6) explica que seja a identidade cultural, seja a pessoal, possuem uma íntima relação com a identidade de lugar e uma vez que há “A perda do lar ou a “perda de seu lugar” frequentemente podem acionar uma crise de identidade.”

Para Haesbaert (2013), embora toda identidade territorial seja uma identidade social, nem sempre a identidade social possui como referência o território⁷. Assim, quando se trata de identidade humano-social, é preciso levar em consideração os processos relacionais presentes no âmbito social, e por essa razão, ela encontra-se sempre em curso, manifestando-se conforme o contexto espaço-temporal no qual determinado grupo se insere. Além disso, nunca se trata apenas de uma identidade, mas sim, múltiplas (HAESBAET, 2013).

Desse modo, o processo de identificação sempre está relacionado com o “identificar-se com” (HAESBART, 2013); mas também, é um processo de diferenciação (BOSSÉ, 2013), afinal, uma forma dos indivíduos tomarem consciência dos seus traços particulares ocorre justamente após reconhecerem suas diferenças em relação a outro grupo.

Além do mais, é justamente por meio desse contato entre sujeitos possuidores de identidades culturais diferentes que podem ser estabelecidas as relações de dominação. Uma das formas de conceber isso é através da comunicação e da informação. Por isso, como bem observa Claval (2007), os grupos detentores desses meios de informação e comunicação firmam hegemonia sobre os outros grupos, invadindo seus gostos e suas percepções, inserindo, naquelas culturas, as preferências da cultura dominante.

Essas ações são inscritas na paisagem por atores hegemônicos e reverberam na identidade territorial dos grupos, evidenciando que muitas vezes os sujeitos constroem ambientes que lhes são convenientes (CLAVAL, 2014). Em alguns casos são utilizadas estratégias de “lugarização”, quando agentes externos – a exemplo do Estado – utilizam de uma certa familiaridade dos sujeitos com determinados espaços e, por meio disso, articulam ações para torná-los lugar (SOUZA, 2013), ou simplesmente, esses grupos dominantes se apropriam das particularidades que representam a identidade de um local (RELPH, 2014) com o objetivo de obter lucro.

⁷ Um exemplo mencionado por Haesbaert (2013) é a identidade de gênero, afinal, ela é uma identidade social; contudo, o território não é um elemento central para essa identidade.

De acordo com Relph (2014), uma das formas de compreender o lugar é por meio da noção de pertencimento que os sujeitos desenvolvem com determinadas porções do espaço. Psicologicamente falando, os sujeitos humanos possuem uma intensa necessidade de “lugarização”, isto é, criar um certo nível de afeição por determinadas parcelas do espaço. Contudo, é natural que o “nível de lugaridade” seja alterado com o tempo e em conformidade com as transformações que acontecem nas relações sociais e afetivas com/no lugar (SOUZA, 2013). Com isso, um mesmo espaço anteriormente percebido como um lugar, pode tornar-se um “não lugar” em razão das mudanças que ocorrem nas percepções construídas sobre ele (TUAN, 1983; 2012).

Assim, o lugar, para Tuan (1983, p. 156), é o local do encontro, onde acontecem ocasiões propícias para verdadeiras trocas íntimas. Esses lugares “São transitórios e pessoais. Podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação [...]”. Desse modo, o sentimento de lugar é diretamente associado às pessoas e às relações estabelecidas entre elas, influenciando diretamente nas afetividades que os sujeitos desenvolvem em relação a determinadas porções do espaço.

4. O RIO ARAGUAIA E A FORMAÇÃO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA/PA

Uma forma de selecionar elementos que possibilitam compreender o rio Araguaia como um geossímbolo para os moradores da cidade em questão, é mergulhando nas diferentes temporalidades e espacialidades que guardam a história e a geografia do local. Desse modo, até onde há registros, a região sul paraense secularmente foi habitada por diferentes grupos indígenas, principalmente aqueles pertencentes à nação Jê. Desses grupos, há um expressivo destaque aos Kayapó Mebêngokre.

Baseado nos registros antropológicos de Turner (1992), a vida social desse grupo oscilava entre residência fixa na aldeia principal e o deslocamento seminômade de alguns indivíduos durante um a três meses para fins de coleta e caça; a principal característica da organização social Kayapó era a autossuficiência e autonomia, e foi justamente este o principal aspecto perdido após o contato com os não-indígenas, por razão da necessidade de defesa após contato hostil. Assim, é possível que até os séculos XVI e/ou XVII os Kayapó estivessem na região da ilha do bananal, a partir daí dividiram-se em dois ou três subgrupos o qual dois deles atravessaram o Araguaia e seguiram em direção ao oeste do rio Xingu e um subgrupo ficou ao leste do Araguaia, até o momento que foram atacados por caçadores de escravos no século XIX e então atravessam o rio, vivendo, então, entre os rios Pau D’Arco e Araguaia.

Por volta do século XVIII e XIX, várias famílias sertanejas já viviam na região sul paraense. Essas famílias se encontravam instaladas às margens do rio Araguaia, onde viviam da pesca e da agricultura familiar. Naquele contexto, vários pequenos vilarejos se formavam e se extinguíam, ora em razão de ataques indígenas, ora por conta dos períodos de cheia do Araguaia que cobria as roças e as casas, forçando o deslocamento dessas pessoas, sazonalmente, na direção do sertão (IANNI, 1981).

Além disso, a área que futuramente corresponderia à sede do município servia como repouso para os viajantes que percorriam o rio Araguaia, sejam eles: “[...] coletores de drogas do sertão, caçadores, pescadores, criadores de gado, roceiros, caboclos, viajantes, exploradores, em comércio com a natureza e com os índios. É verdade que em pequeníssima proporção, tendo-se em vista os recursos e a extensão dos territórios” (IANNI, 1981, p. 10). Assim, ao final do século XIX, em abril de 1897, chegam nesta região os missionários dominicanos. Se tratava da missão liderada por Frei Gil de Vila Nova, com o objetivo de catequizar os indígenas que habitavam na região, sobretudo o grupo Kayapó Mebêngokre.

Inserido em um contexto amazônida, o processo de formação de Conceição do Araguaia/PA reflete as particularidades próprias da região na qual o município se encontra. Na Amazônia, as primeiras vilas e cidades surgem a partir das estratégias dos colonizadores de obter o controle e domínio territorial (PORTO-GONÇALVES, 2012; TAVARES, 2008). Naquele momento, as missões de catequização foram um instrumento útil para legitimar o domínio europeu sobre os diversos grupos tradicionais que viviam secularmente no local. Essas ações foram muito bem articuladas através da relação entre a Igreja Católica e o Estado, sendo a primeira responsável pelo “controle das almas” e o segundo pela administração e povoamento (SIGNES, 2009).

Naquele contexto, a ordem dominicana já havia realizado três expedições⁸ antes de definir o local exato que estabeleceria a catequese indígena (TURNER, 1992). Logo os dominicanos firmaram acordos⁹ com as lideranças indígenas que viviam na região para que formassem um aldeamento nas proximidades do local onde os missionários estavam estabelecidos. Além dos indígenas, várias famílias sertanejas dispostas na margem direita e esquerda do rio, movidas pela fé, pela segurança, pela posse de novas terras, mas principalmente por conta da descoberta de uma zona de borracha na mata próxima, se deslocaram para viver junto à missão religiosa (AUDRIN, 1947).

⁸ De acordo com Turner (1992), Frei Gil de Vila Nova fez três viagens ao encontro com os Kayapó. A primeira em 1891, a segunda em 1896 e a última em 1897, que resultou na fundação da catequese dominicana.

⁹ Segundo os estudos sociológicos e antropológicos, tais acordos consistiam na entrega de armas, ferramentas, miçangas, tecidos, entre outros utensílios, em troca de algumas crianças indígenas para catequização (IANNI, 1981; TURNER, 1992).

A missão no sul do estado do Pará não representava apenas os interesses religiosos dos dominicanos no Brasil,¹⁰ afinal, beneficiava também o governo paraense em garantir o domínio territorial no sul do estado. Tendo em vista a vasta dimensão territorial, eram ausentes os agentes formais do Estado nas terras ao sul do Pará, o mesmo acontecia com as terras ao norte de Goiás,¹¹ por essa razão, havia uma disputa territorial entre os dois estados.¹² Vale ressaltar que antes de os limites fronteiriços entre o sul do Pará e o Goiás estarem devidamente delimitados e assegurados, o rio Araguaia servia como referência limítrofes para os dois estados, todavia, Ianni (1981) revela em seu trabalho que houve esforços do governo de Goiás na tentativa de obter posse das duas margens do Araguaia. Assim, a missão dominicana representava também a efetivação do domínio paraense sob a região correspondente à margem esquerda do rio Araguaia. Desse modo:

O entrecruzamento na fronteira, que tem o rio Araguaia como limite natural, passa a ser o cenário da convivência entre sujeitos indígenas, religiosos e sertanejos. Assim, com a criação do Arraial na margem do Araguaia, essa rede de relações se aprofunda no solo de permanentes antagonismos, conflitos, acomodações e resistências (LIMA, 2019, p. 25).

O povoado de Conceição do Araguaia se constituiu entre os rios Araguaia e Arraias, e o centro da missão estava localizado às margens do Araguaia. É nesse espaço que há a convivência entre indígenas, sertanejos e religiosos sob a autoridade dominicana, um território que se constituía com sujeitos distintos e com diferentes interesses.¹³

É preciso ressaltar que conflitos sempre foram presentes nessa região, seja entre diferentes grupos indígenas (como ataque Kayapó a outro grupo Kayapó), seja entre indígenas e sertanejos, levando a devastação de vilarejos inteiros ou no desmembramento de grupos indígenas (IANNI, 1981; TURNER, 1992). Contudo, de acordo com Martins (1996), a partir do avanço da frente de expansão na Amazônia, toda uma trama de conflitos é potencializada. Essas situações resultam em impasses a partir do encontro dos indígenas e não-indígenas, gerando conflitos e agravando outros pré-existentes. Nas palavras de Lima (2019, p. 46), “O sertão é a fronteira entre os territórios indígenas e o dos sertanejos, daí advém sua natureza contraditória e conflituosa.”

¹⁰ A ordem dominicana chegou no Brasil em 1881 e se instalaram em Uberaba (MG). Após avançaram para a Cidade de Goiás e Porto Imperial (ambas no estado de Goiás) para posteriormente se estabelecer à margem do Araguaia paraense (VAZ, 2013).

¹¹ Região hoje correspondente ao estado do Tocantins.

¹² Diante disso, o governo do Pará já havia investido em explorações para o reconhecimento dessa região (IANNI, 1981).

¹³ Os dominicanos interessados na catequização dos indígenas; os sertanejos na busca de terras para agricultura de subsistência, e já um certo interesse no extrativismo; e os indígenas, principalmente atraídos pela segurança proporcionada pelos dominicanos diante do avanço de caçadores de escravos, extrativistas e os novos sujeitos para a região.

Nos primeiros anos dessa formação, a aldeia (espaço dos indígenas) e o arraial (espaço dos sertanejos) estavam sob autoridade dominicana. Com o crescimento da prática extrativista na região entre o rio Araguaia e o rio Xingu, Conceição do Araguaia torna-se um dos centros caucheiros na Amazônia. Conforme Audrin (1947) relata, eram centenas de caucheiros vindos de várias localidades atravessando o rio e passando alguns dias na vila antes de partir rumo à mata. Ianni (1981) narra que o extrativismo transformou rapidamente a dinâmica social e espacial estabelecida pelos dominicanos. Logo foram abertas ruas e casas de negócios, a vida simples e a predominância da religiosidade dão espaço a noites regadas por álcool e prostituição, o que impacta diretamente a vida dos sertanejos, mas principalmente dos indígenas, que se viam inseridos em um espaço dividido entre a catequese dominicana e o dinheiro:

Para o índio, a cristianização tinha muitas faces, divergentes, antagônicas. Havia roupa e cachaça, trabalho e expropriação, reza e prostituição; no limite, ou na base de tudo estavam Cristo e o dinheiro, dois fetiches estranhos para o índio. Tanto a cidade de Deus como a cidade dos homens cristãos eram estranhas para ele; mais que isso, mesclavam-se, confundiam-se, nas práticas dos cristãos da indústria e do comércio e na prática dos religiosos dominicanos (IANNI, 1981, p. 25).

Tal contradição compromete diretamente a catequese que já enfrentava forte resistência das crianças indígenas aos métodos aplicados pelos dominicanos. Com o avanço do extrativismo, muitos indígenas serviam para direcionar os caucheiros pelo sertão e pelo rio, assim como, para trabalhar diretamente com a extração e transporte do caucho. Essa prática resultou no adoecimento e morte de inúmeros indígenas que rapidamente foram reduzidos de centenas para algumas dezenas na região (IANNI, 1981)¹⁴.

Entre o vício e o trabalho, a economia extrativista possibilitou a ligação do sul do estado com a capital Belém. E segundo Cruz (2014), embora difícil por conta dos poucos recursos da época e da distância entre Conceição do Araguaia e a capital do estado (mais de 1000 km), os rios Araguaia e Tocantins eram as vias possíveis para o escoamento da produção. Como resultado, houve condições propícias para que, em 1908, Conceição do Araguaia fosse elevada à condição de município (TAVARES, 2008). Assim, considerando que:

Toda a área que tinha como centro Conceição do Araguaia ganhou alguma articulação social nas relações e estruturas econômicas e políticas que se desenvolveram [nesse território/lugar]. Essa ampla ocupação de cerrados, trilhos e

¹⁴ Conforme Ianni (1981), a principal razão foi o adoecimento e óbito após o contato com as longas jornadas de trabalho, prostituição e o alcoolismo, outros sofreram efeitos da catequização e assumiram o estilo de vida “cristão”, e outros ainda, se deslocaram em busca de novos territórios.

entradas, beiras e centros, tornaram-se efetiva nos primeiros anos do século XX, quando o ciclo da borracha alcançou largamente toda a região em derredor de onde se havia instalado o núcleo de Conceição do Araguaia. Não somente a cidade crescera, mas os arredores continuavam a povoar-se com extraordinária rapidez (IANNI, 1978, p. 40, grifos nossos).

A ocupação territorial no sul do Pará, baseada nas contribuições de Vaz (2013), é dividida em três frentes de expansão: a primeira ocorreu no final do século XIX, formada por um grupo sertanejo que partiu do Maranhão rumo a Goiás e se consolidou na margem esquerda do rio Araguaia, área correspondente ao território Kayapó e de diversos outros grupos indígenas; foi nesse mesmo período que houve a chegada dos dominicanos na região. A segunda frente de expansão aconteceu no final dos anos 1950 e é originária principalmente de Goiás, com profissionais liberais e empresários do ramo pecuarista e corretores de imóveis, incentivados sobretudo pelos projetos do governo federal de “integração” da Amazônia. A última frente de expansão surgiu a partir de 1964 e é representada pelo capital nacional e internacional com o objetivo de desenvolver grandes projetos agropecuários no sul paraense (VAZ, 2013). Segundo Porto-Gonçalves (2012), dois são os padrões de organização do espaço Amazônico, o primeiro denominado como “Rio-Várzea-Floresta” e o segundo “Estrada-Terra Firme-Subsolo”. Assim,

Até a década de 1960 foi em torno dos rios que se organizou a vida das populações amazônicas. A partir de então, e por decisões tomadas fora da região, os interesses se deslocam para o subsolo, para suas riquezas minerais, por uma decisão política de integrar o espaço amazônico ao resto do país, protagonizado pelos gestores territoriais civis e militares. O regime ditatorial se encarregou de criar as condições para atrair os grandes capitais para essa missão geopolítica (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 79).

Para Porto-Gonçalves (2012), o modelo de ocupação tradicional na Amazônia, definido como rio-várzea-floresta, durou por muitos anos, no entanto, com a incorporação de estratégias de “desenvolvimento”¹⁵ do governo federal, houve novos processos de organização espacial, definido como “estrada-terra firme-subsolo”. Com o slogan “integrar para não entregar”, houve um intenso fluxo de migração para essa região e alguns dos símbolos desse período foi a criação das Agrovilas e das rodovias Transamazônica e Belém-Brasília.

Mais do que isso, Ianni (1979) esclarece que esse processo aconteceu diante do contexto da Guerra Fria, sendo assim, os militares e o governo estadunidense passaram a perceber essa região como

¹⁵ Porto-Gonçalves (2012) chama de “des-envolvimento” pois embora se tratassem de estratégias com o slogan desenvolvimentista, essas ações causaram e potencializaram conflitos que separaram (e dividiram) os sujeitos que secularmente viviam nessa região.

uma fronteira não vigiada e, por isso, um alvo fácil para o comunismo. Dessa forma, o objetivo de atrair trabalhadores para a Amazônia estava diretamente relacionado com a segurança nacional. Vale considerar que a região do Araguaia foi espaço onde aconteceu a Guerrilha do Araguaia (1967-1975), luta revolucionária de caráter comunista contra a repressão do período militar no Brasil. Embora quase 50 anos após o fim da Guerrilha, ela ainda surte influência no campesinato, nos sujeitos e na luta social pela terra na região (REIS, 2021).

Logo, a partir de 1970 novos ritmos estabeleceram os caminhos do município araguaiano, pois, até então, o rio Araguaia determinava o movimento de Conceição do Araguaia. Em consonância com as reflexões feitas por Cruz (2014), desde o início da formação, a vila que deu origem a Conceição do Araguaia surge às margens do rio, o estilo de vida da população está diretamente associado ao rio, o transporte da produção extrativista, agrícola e a pesca é feita no/pelo rio e, portanto, a produção do espaço acontece em função do rio.

Das mudanças presentes na segunda metade do século XX, houve a construção da ponte sobre o Araguaia ligando o sul do Pará e o norte de Goiás; com a construção da ponte, o Porto das Balsas¹⁶ ganha outras funcionalidades; houve também a transposição do centro comercial de Conceição do Araguaia, localizado anteriormente às proximidades do rio, para um local no sentido das estradas conforme a expansão da cidade; e também a emancipação de várias vilas para a condição de município, durante o surto de municipalização no estado do Pará nas décadas de 1980 e 1990 (TAVARES, 2008).

Embora a abertura das estradas, a partir da década 1960, represente transformações que influenciam diretamente na própria produção do espaço em Conceição do Araguaia, e que redefine a funcionalidade do Araguaia, já na virada do milênio, houve a proposta de um projeto de perenização da hidrovía Tocantins-Araguaia. Diante disso, Porto-Gonçalves (2015) aborda, em seu estudo, sobre as problemáticas que envolviam o desenvolvimento deste projeto, uma vez que:

Todo o problema consiste, rigorosamente, nas dificuldades concretas colocadas para a perenização da navegabilidade dos rios em apreço. O que, em princípio, ninguém é contra. É só observar como os rios fazem parte do cotidiano dessas populações indígenas e daqueles brancos pobres que, silenciosamente, foram povoando a região há décadas. Aliás, foi exatamente a opção pela implantação de uma malha viária rodoviária, nos anos 60 e 70, também decidida de fora pelos de fora da região, como

¹⁶ Espaço no perímetro urbano do município, localizado às margens do rio que por muito tempo serviu para entrada e saída de diversos produtos em Conceição do Araguaia. No momento, tal espaço (à beira do rio) possui bares e restaurantes flutuantes e em um local aberto (em terra-firme) em que acontece, no mês de julho, um carnaval fora de época, conhecido como Carnaraguaia.

se fora a ÚNICA SOLUÇÃO para o país, que ensejou a diminuição do uso das tradicionais hidrovias da região. (PORTO-GONÇALVES, 2015, p. 175).

Percebe-se, portanto, que a navegabilidade desses rios, é algo secularmente presente na vida das comunidades da região, mas que mediante os interesses hegemônicos, a navegação por esses rios ganha outra conotação, com impactos diretos na vida dos sujeitos as margens do Tocantins e do Araguaia. Diante disso, como resultado desse processo, houve a construção de diversos portos em cidades estratégicas ao longo desse rio, e uma delas é Conceição do Araguaia. A grande questão em torno desse espaço é que, desde o fim das obras, jamais fora utilizado para a finalidade inicial. Hoje, o espaço ainda denominado Porto das Balsas, encontra-se obsoleto durante todo o ano, com exceção dos dois dias no qual acontecem o carnaval fora de época¹⁷.

Por fim, em conformidade aos novos ritmos que representam a cidade às margens do Araguaia, houve, também, a refuncionalização do rio, principalmente o perímetro urbano do município. Além disso, a partir dos anos 1980, se iniciou o turismo de temporada (o veraneio) nas praias fluviais de Conceição do Araguaia. A origem do veraneio em Conceição do Araguaia possui influência das tendências turísticas que chegam ao Brasil, principalmente na segunda metade do século XX; mas a nível local, há uma relevante influência, anterior, oriunda da cultura indígena de estar na praia. Sabe-se que as praias que surgem à margem principal da cidade, ao longo dos anos, eram espaços ocupados principalmente pelos indígenas que viviam na região (COSTA; MALHANO, 1987). Com o passar dos anos, a quantidade de indígenas em Conceição do Araguaia diminuiu bastante.

Posteriormente, logo que surgiam as primeiras praias, os moradores da cidade passaram a promover acampamentos¹⁸ familiares como forma de lazer. Já na década de 1980, a gestão municipal, inspirada nas ações turísticas em praias fluviais em outros municípios, estrategicamente passa a promover eventos socioculturais nas praias durante o período do verão amazônico. Dessa forma, por meio de reuniões com os comerciantes da cidade, houve as instalações das primeiras barracas e comercialização de alimentos e bebidas, festividades e práticas esportivas na praia. Com o passar dos anos, e percebendo que o evento funcionava, as demais gestões do município investem cada vez mais na atividade, e assim o veraneio foi ganhando forma e ganhando outras proporções, adaptando ao gosto e as novas tendências globais (PARENTE; GOMES; SILVA, 2023).

¹⁷ O Carnaraguaia é uma festa privada e bastante conhecida na região. É promovida, normalmente, no terceiro final de semana do mês de julho, mês no qual também acontecem as festividades do veraneio. A festa envolve desde os ritmos carnavalescos, até música eletrônica.

¹⁸ Formado por barracas de camping, tendas, compensado e palha (para construção de um abrigo temporário) que podem durar um final de semana ou um mês inteiro.

Hoje, Conceição do Araguaia integra a rota do turismo nacional (NOGUCHI, 2019). Dessa forma, para as pessoas que trabalham diretamente em razão do veraneio, isso representa maiores incentivos federais para promoção do turismo em localidades tal como a cidade sul paraense. Contudo, após quase 40 anos de realização anual contínua do veraneio, nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia do COVID-19, o evento se encontra temporariamente cancelado, resultando uma série de problemáticas para aqueles que trabalham em razão da festividade.

5. O RIO COMO UM GEOSSÍMBOLO PARA A POPULAÇÃO DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA/PA

O rio Araguaia é pano de fundo para diversos conflitos ao longo dos anos, principalmente, do que refere o bioma cerrado. Ao longo da história são revelados diversos embates entre os povos originários, sertanejos, extrativistas, pecuaristas e diversos outros sujeitos que chegaram e se estabeleceram ao longo da região do Araguaia. São camadas de relações sociais conflituosas e que ganham novas características ao longo das décadas, e que revelam a geograficidade existentes entre os sujeitos e a espacialidade no qual se inserem, afinal, como explica Porto-Gonçalves (2006, p. 10) a materialidade das relações entre os diferentes sujeitos acontece justamente no espaço geográfico, diante disso “Toda sociedade é um modo próprio de estar-junto (proxemia) e esse estar-junto é, ao mesmo tempo, simbólico e material”.

Diante disso, essa dinâmica com as águas é essencial para um processo de identificação coletiva, muito importante para que se possa criar um sentido de lugar, convertendo, portanto, em uma “estrutura aquática de sentimentos” (OSLENDER, 2002). Afinal, é preciso entender que a dinâmica natural do rio possibilita diferentes usos desses espaços – circulação de pessoas, mercadorias, ou ainda para a própria subsistência das comunidades – e como resultado desses processos, há uma estreita e íntima relação entre os sujeitos que vivenciam a dinâmica das águas¹⁹.

Como exposto até o momento, é evidente a pluricidade de sujeitos que viviam às margens do rio Araguaia ao longo dos anos; mais especificamente, no perímetro que hoje representa a cidade Conceição do Araguaia. No passado foi o lugar dos indígenas, famílias sertanejas, extrativistas, exploradores, missionários dominicanos, entre outros sujeitos; hoje, trata-se de um espaço apropriado e vivenciado pela comunidade dos pescadores, barqueiros, comerciantes, autônomos e os próprios

¹⁹ Diante disso, é possível trazer a reflexão feita por Porto-Gonçalves (2020, p. 26) ao mencionar sobre a forma como as sociedades ressignificam o espaço de convívio social, afinal “A espécie humana não só bebe água, como diz água, ritualiza-a, sacraliza-a, idolatra-a, torna-a poesia, científica-a”.

moradores da cidade de modo geral, além dos turistas que visitam o lugar durante o veraneio. Por essa razão, por meio da heterogeneidade do perfil desses sujeitos, é possível selecionar elementos para compreender as identidades territoriais construídas por eles ao longo dos anos.

Assim, quando se fala em identidades territoriais, o elemento mais importante é a dimensão histórica presente no imaginário social (HAESBAERT, 2013). Dessa forma, sempre que possível, o geógrafo precisa compreender como o grupo concebe a sua realidade, entender as relações particulares, secretas e emocionais que ligam os sujeitos com os seus lugares. Uma das formas de alcançar essa compreensão é por meio dos mitos. Assim, mediante as narrativas sobre a origem dos lugares é possível identificar os simbolismos existentes para determinado grupo (BONNEMAISON, 2002).

Desse modo, sendo os indígenas os primeiros sujeitos que se estabelecem às margens do rio, é possível identificar em várias literaturas a importância simbólica desse elemento natural na vida desses sujeitos. Segundo Amparo (2019), por mais de 5 mil anos o Araguaia significou a base ou a superfície do existir dos povos Jê. Assim, para esses vários grupos indígenas, o rio é um elemento importante seja para a pesca ou navegação, como também em suas mitologias. Um exemplo disso se faz presente na mitologia Javaé. Conforme as narrativas desses indígenas: “[...] os aruanãs são de vários tipos e vivem no espaço abaixo do rio Araguaia, num espaço subsuperficial. A redução do volume d’água do rio, contudo, parece de algum modo, na cosmologia javaé, permitir o encontro ou a vinda destas entidades à superfície [...]” (AMPARO, 2019, p. 54).

Já em relação aos Kayapó Mebêngokre – um dos principais grupos indígenas que viviam nas proximidades do local em que se formou Conceição do Araguaia – a presença do rio consta na própria nomenclatura desse grupo que significa aqueles que “vivem entre as águas”, e é possível que esse espaço “entre as águas” seja justamente entre os rios Araguaia e Tocantins (TURNER, 1992).

Por conseguinte, para os religiosos e as famílias sertanejas, o mito que narra a origem de Conceição do Araguaia encontra-se intrinsecamente mesclado com os fatos históricos sobre a origem local. Isto é, segundo o “mito fundador”, Frei Gil de Vilanova viajava pelas águas do rio Araguaia com seus companheiros quando avistou um torrão de areia alto à margem esquerda do Araguaia; nesse lugar a expedição repousou a sombra de um frondoso pequizeiro, ocasião em que foi realizada a primeira missa em solo Araguaiano; em meio a esse ato de profissão de fé, “Frei Gil contou a algumas pessoas, tempos depois, que no momento da sagração, ao levantar os olhos para o céu, seus olhos pousaram na imagem da Virgem da Conceição sobre a copa do pequizeiro” (LUZ, 2011, p. 76), e com isso, sentiu

que deveria homenagear Nossa Senhora da Conceição, atribuindo àquele local o nome Conceição do Araguaia.

Sendo assim, a partir desses exemplos da construção das mitologias referentes a um mesmo lugar, percebemos que embora trate-se de sujeitos distintos e que percebem o Araguaia de formas particulares, ambos assumem, em maior ou menor grau, certa relação identitária com o rio²⁰, sendo ele, o Araguaia, um elemento central ou um pano de fundo para a construção desses mitos.

Assim, vale considerar que a identidade é sempre um processo em curso, logo, sempre existirá múltiplas identidades (HAESBAERT, 2013). Nesse sentido, muitas são as relações identitárias dos moradores da cidade com o Araguaia. São identidades que se mantêm e se transformam conforme os diferentes contextos e pelas formas segundo as quais o rio é apropriado pelos sujeitos.

Para aqueles que trabalhavam com o extrativismo, por exemplo, é possível que o Araguaia fosse percebido apenas como um meio de deslocamento, ou talvez, como a trilha ou o caminho que os levavam ao progresso. No entanto, é certo que “[...] no período da borracha, quando Conceição do Araguaia concentrava todo o movimento comercial da zona, a navegação do rio se intensificou. Diariamente partiam para Belém muitas embarcações arregadas de mercadorias” (SANTOS, 1940, p. 25) e o rio foi um elemento central para economia local.

Com o passar dos anos, em decorrência das iniciativas da gestão municipal na promoção do turismo em Conceição do Araguaia, muito provavelmente, parte dessa relação está diretamente influenciada pela festividade que acontece durante o veraneio. Logo, uma outra forma pela qual o rio vem sendo apropriado repercute diretamente na percepção, nas afetividades e na relação simbólica dos moradores da cidade com o Araguaia.

Por outro lado, hoje, evidentemente são os pescadores artesanais²¹ os principais sujeitos que estão intrinsecamente ligados ao Araguaia. Afinal, a diversidade de situações presentes no contexto da pesca, faz com que o pescador, no seu cotidiano da atividade profissional, relacionar-se com o uso de saberes, como o matemático para solucionar questões, culturalmente inerentes à atividade pesqueira (SOUZA, 2017).

²⁰ Indubitavelmente, são os indígenas que possuem o maior grau de identificação com o Araguaia.

²¹ Os pescadores praticantes da pesca artesanal, são regidos pela Lei nº 11.959/09, artigo 8º: [...] quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte (BRASIL, 2009, p.6).

O cotidiano está cercado por conhecimentos matemáticos diversos, oriundos das mais variadas culturas. Para Ubiratan D'Ambrosio: O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura (D'AMBROSIO, 2011, p. 22).

Silva, Medeiros e Silva (2002, p. 2) entendem que “a pesca artesanal é representativa do ponto de vista de absorção de mão-de-obra e de sua representação cultural”. Nesse contexto, “um fator tem sido importante nestas comunidades pesqueiras – o significado cultural e a identidade que o pescador e a comunidade local têm da pesca”.

As práticas socioculturais dos pescadores, segundo os autores dão às “comunidades pesqueiras características identitárias e culturais”, pontuam que passam a ser uma das dimensões da vida social dos pescadores e, também “Um espaço de crenças, mitos e utopias que adquirem valor simbólico e material para a reprodução da condição humana dos pescadores” (SILVA; MEDEIROS; SILVA, 2002, p. 2).

Nessa direção as identidades sociais, puramente simbólicas, são produzidas como representações da realidade de um reconhecimento social da diferença (SILVA; MEDEIROS E SILVA, 2002). Desse modo, os pescadores araguaianos em suas construções espaço-temporais protagonizaram sua identidade territorial que se exprime pelo conjunto conectado de representações que dão uma certa homogeneidade ao espaço a que se refere, ou reconhece nele essa homogeneidade, atribuindo coesão e força (simbólica) ao grupo que ali vive e que ali se identifica (HAESBAERT, 2013).

Se a pesca já era atividade fundamental de sobrevivência para a comunidade indígena que habitava a região do Araguaia, hoje município, esta atividade pesqueira continua sendo fundamental para a sobrevivência dos pescadores e de suas famílias. E para complementação de suas rendas, muitos pescadores confeccionam instrumentos de pesca tais como redes e tarrafas para sua própria utilização na sua atividade profissional para a comercialização, que geralmente ocorre em suas próprias residências juntamente com a comercialização do pescado. (SOUZA, 2017, p. 13).

O pescador possui seus saberes peculiares a sua realidade e necessidade diária, pois sua cultura também faz parte desta construção de saberes. Dessa forma, os pescadores artesanais “[...] caracterizam um grupo cultural específico, com saberes particulares, objetivos e tradições comuns” (SALDANHA, 2015, p. 12). Os saberes e fazeres do pescador são valorizados e compreendidos pela sociedade. A

cultura é parte da vida do ser humano, ela está presente desde o início de nossa existência. Para Fiori “A cultura marca o aparecimento do homem no largo processo da evolução cósmica” (1994, p. 9).

Diante desse repertório de sujeitos que vivenciaram e construíram suas identidades com e a partir do Araguaia, é perceptível que se trata de um mesmo rio, porém, em função dos diferentes territórios no qual esses sujeitos são inseridos, outras relações afetivas e simbólicas podem ser construídas. Conforme as colocações de Bossé (2013, p. 227), “O território identitário não é apenas ritual e simbólico; é também o local de práticas ativas e atuais, por meio das quais se afirmam e vivem as identidades”.

Em vista disso, a variedade de sujeitos que vivenciaram a cidade resulta em identidades pluriculturais e que estão em consonância com as diferentes temporalidades e espacialidades experienciadas por esses sujeitos, repercutindo diretamente em suas percepções sobre o rio Araguaia. Portanto, ainda que se trate de múltiplas percepções, é possível dizer que a presença viva do Araguaia na vida dessas pessoas, faz dele, um geossímbolo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho houve a tentativa de selecionar elementos para compreender a relação identitária dos sujeitos de Conceição do Araguaia/PA com o rio Araguaia. Afinal, desde a formação da cidade, e mesmo anterior a ela, o rio é um elemento que foi apropriado de diferentes formas pela pluricidade de sujeitos que estiveram na região e, assim, muitas são as percepções construídas a partir dele. Sendo assim, é diante da influência a qual o rio exerceu e ainda exerce na vida desses sujeitos que viveram/vivem no local, que ele pode ser percebido como um geossímbolo.

Em suma, há uma pluricidade de sujeitos e conseqüentemente, pluri são as relações identitárias construídas em relação a tal elemento natural. Essas identidades são, em parte, herdadas, mas certamente encontram-se em constantes transformações diante dos processos sociais e espaciais existentes no território.

Desse modo, na vida e no imaginário dos indígenas, sertanejos, dominicanos, extrativistas, pescadores, barqueiros ou comerciantes, entre outros sujeitos, o Araguaia é percebido e representado de formas diferentes. Logo, cada qual desses grupos possuem uma relação identitária particular com o rio. Assim, ainda que sejam construídas diferentes identidades (e conseqüentemente, diferentes territorialidades), e ainda que o Araguaia seja percebido de formas tão distintas, cada qual desses sujeitos que vivenciaram Conceição do Araguaia, percebem o rio como um geossímbolo.

REFERÊNCIAS

- AMPARO, S. S. **Da ordem cósmica à desordem territorial**: a geograficidade ameríndia no chão de Abya Yala ou América Latina. 2019. 720f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- AQUINO, S.; STEVAUS, J. C.; LATRUBESSE, E. M. Regime hidrológico e aspectos do comportamento Morfohidráulico do rio Araguaia. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, Curitiba, n. 2, p. 29-41. 2005.
- AUDRIN, F. J. M. **Entre Sertanejos e índios do Norte**. Rio de Janeiro: AGIR, 1947.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- BOSSÉ, M. L. As questões de Identidade em Geografia Cultural – algumas concepções. *In*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia Cultural**: uma antologia (vol. II). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 221-232.
- BUTTNER, A. Lar, Horizontes de Alcance e o Sentido de Lugar. **Geograficidade**. v. 5, n. 1, p. 4-19, 2015.
- BRASIL. LEI No 11.959/09. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca. **Governo Federal**, Brasília, DF, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em 18 de novembro de 2021.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. 2. Ed. Florianópolis: editora da UFSC, 2014.
- COSTA, M. H. F.; MALHANO, E. A habitação indígena brasileira. *In*: RIBEIRO, B. (coord.). **Suma etnológica Brasileira. Tecnologia Indígena**. v. 2, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 27-94.
- CRUZ, T. S. A produção do espaço urbano na Amazônia: a influência da Igreja Católica na formação sócio-espacial do município de Conceição do Araguaia-Pa. **Revista GeoAmazônia**. Belém, v. 2, n. 4, p. 122-145, 2014.
- FIORI, E. M. Aprender a dizer sua palavra (Prefácio à edição Brasileira da Pedagogia do Oprimido). *In*: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas S.A. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas. 2008.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia Cultural: uma antologia** (vol. II). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233-243.

HALL, S. Quem Precisa de Identidade? SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

IANNI, O. **Colonização e contra reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

IANNI, O. **A Luta pela Terra: História social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama Geral**. Conceição do Araguaia. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/conceicao-do-araguaia/panorama>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LIMA, M. P. **O discurso dos missionários dominicanos sobre os indígenas do Araguaia na revista Cayapós e Carajás**. 2019. 173f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2019.

LUZ, I. C. **Rastros e Pegadas**. Goiânia: Editora Kelps. 2011.

MARTINS, J. S. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, São Paulo, p. 25-70. 1996.

NOGUCHI, L. Conceição do Araguaia integra a rota nacional do turismo no Brasil. **Agência Pará**. 2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/13987/>. Acesso em: 15 set. 2021.

OSLENDER, U. Espacio, lugar y movimientos sociales: hacia una "espacialidad deresistencia". Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 6, n. 115, 2002.

PARENTE, E. B.; GOMES, D. L.; SILVA, M. M. Entre Afetividades e Contradições: O Cancelamento do Veraneio de Conceição do Araguaia (PA) Durante a Pandemia. **Revista Espaço e Geografia**, v. 25, n. 1, p. 264-294, 2023.

PORTO-GONÇALVES, C. W. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Seção Três Lagoas, v. 1, n. 3, p. 5-26, 2006.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2012.

PORTO-GONÇALVES, C. W. “Navegar é preciso; viver não é preciso” estudo sobre o Projeto de Perenização da Hidrovia dos Rios das Mortes, Araguaia e Tocantins. **Terra Livre**, n. 15, p. 167-212, 2015.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Organização do espaço: Objeto de estudo, objeto de desejo. In: LIMONAD, E.; BARBOSA, J. L. (orgs.) **Geografias, Reflexões Conceituais, Leituras da Ciência Geográfica, Estudos Geográficos**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2020.

- REIS, N. F. I. **Cartografia de memórias**: Guerrilha do Araguaia, campesinato e questão agrária no sudeste do Pará - Amazônia Oriental. 2021. 370f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, São Paulo, 2021.
- RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.
- SALDANHA, M. A. **Histórias de Pescadores**: Uma pesquisa Etnomatemática sobre os saberes da Pesca Artesanal da Ilha da Pintada – RS. Porto Alegre: PUCRS, 2015.
- SANTOS, A. S. **Nos Sertões do Araguaia**: índios de Goiás e outras notas sobre a terra goiana. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.
- SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 31, v.1. p. 3-16, 2009.
- SIGNES, A. F. Apóstolos Divinos ou da Coroa: Jesuítas no Brasil e no Paraguai. *In*: **Perspectivas Históricas de uma Mesma América**. UFRRJ, 2009.
- SILVA, A. F.; MEDEIROS, T. H.; SILVA, V. P. **Pesca artesanal** – conflito, cultura e identidade: o caso Potiguar. 2002.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.
- SOUZA, D. O. **Saberes Matemáticos Empíricos de Pescadores da Colônia Z-39 de Conceição do Araguaia – PA**. 2017. 43 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2017.
- SOUZA, M. J. L. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2013.
- TAVARES, M. G. C. A Formação Territorial do Espaço Paraense: dos fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, Boa Vista, ano 2, n. 3, p. 59-83, 2008.
- TUAN, Y. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.
- TURNER, T. Os Mebengokre Kayapó: história e mudança social, de comunidades autônomas para a coexistência interétnica. *In*: CUNHA, M. C. (org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 311-338.

VAZ, V. **A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará:** terra, pecuária e desflorestamento. 2013. 167f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Brasília, 2013.

VELHO, O. G. **Capitalismo autoritário e campesinato:** um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, T. T. (org.) **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

Data de submissão: 22/11/2022

Data de aprovação: 09/06/2023